Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

A LITOGRAFIA E A PAISAGEM COMO CAMPO DE FORÇA NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS

LITHOGRAPHY AND LANDSCAPE AS A FIELD OF FORCE IN CONTEMPORARY ARTISTIC PRACTICES

LA LITOGRAFÍA Y EL PAISAJE COMO CAMPO DE FUERZA EN LAS PRÁCTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÁNEAS

Pedro Gottardi
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis/Santa Catarina, Brasil

Resumo

Este artigo investiga procedimentos artísticos contemporâneos, com ênfase na litografia e sua relação com o gesto, o corpo e a paisagem. O objetivo é demonstrar como a litografia, enquanto prática no campo da gravura, permite explorar o campo de força como um espaço de entrelaçamento entre esses elementos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada em escritas processuais e na prática caminhante por praias e costões de Porto Belo (SC), incorporando gestos cotidianos como arrancar raízes e observar o ambiente natural. O problema de pesquisa parte da seguinte questão: como o procedimento artístico da litografia, enquanto prática contemporânea da gravura, permite explorar o campo de força para que emergem entrelaçamentos entre gesto, corpo e paisagem? Propõe-se a linha do horizonte como metáfora do sensível, e a litografia é compreendida não apenas como técnica, mas como um espaço de vibração onde matéria e gesto se fundem, produzindo uma vertigem sensível do intangível.

Palavras-chave: Gravura; Litografia; Linha do horizonte; Raízes; Procedimentos artísticos.

Abstract

This article investigates contemporary artistic procedures, with an emphasis on lithography and its relationship with gesture, the body, and the landscape. The objective is to demonstrate how lithography, as a practice within the field of printmaking, allows for the exploration of the force field as a space of interweaving among these elements. The research adopts a qualitative approach, based on processual writings and the walking practice along the beaches and rocky shores of

GOTTARDI, Pedro. A LITOGRAFIA E A PAISAGEM COMO CAMPO DE FORÇA NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-24.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Porto Belo (SC), incorporating everyday gestures such as uprooting roots and observing the natural environment. The research problem stems from the following question: how does the artistic procedure of lithography, as a contemporary printmaking practice, allow for the exploration of the force field in such a way that intertwinings among gesture, body, and landscape emerge? The horizon line is proposed as a metaphor for the sensitive, and lithography is understood not only as a technique but as a space of vibration where matter and gesture merge, producing a sensitive vertigo of the intangible.

Keywords: Engraving; Lithography; Horizon line; Roots; Artistic procedures.

Resumen

Este artículo investiga procedimientos artísticos contemporáneos, con énfasis en la litografía y su relación con el gesto, el cuerpo y el paisaje. El objetivo es demostrar cómo la litografía, como práctica en el campo del grabado, permite explorar el campo de fuerza como un espacio de entrelazamiento entre estos elementos. La investigación adopta un enfoque cualitativo, basado en escrituras procesuales y en la práctica de caminar por playas y acantilados de Porto Belo (SC), incorporando gestos cotidianos como arrancar raíces y observar el entorno natural. El problema de investigación parte de la siguiente pregunta: ¿cómo el procedimiento artístico de la litografía, como práctica contemporánea del grabado, permite explorar el campo de fuerza para que emerjan entrelazamientos entre gesto, cuerpo y paisaje? Se propone la línea del horizonte como metáfora de lo sensible, y la litografía se comprende no solo como técnica, sino como un espacio de vibración donde la materia y el gesto se fusionan, produciendo un vértigo sensible de lo intangible.

Palabras clave: Grabado; Litografía; Línea del horizonte; Raíces; Procedimientos artísticos.

REVISTA DA FUNDARTE

Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Campos de força para começar



1

Gravar na pedra,
marcar o silêncio,
gesto que se imprime,
memória que vira tinta,
vibrando no papel.

Rito do fazer,
movimento repetido,
caminho que se traça,
em cada nova tentativa,
cada ato, cada gesto,
uma descoberta.

[1] Figura 1 – Elemento gráfico, impressão de litografia desenvolvida para a pesquisa antes de passar por novos procedimentos artísticos que envolvem a monotipia com raízes. Fonte: acervo do autor, 2024.

GOTTARDI, Pedro. A LITOGRAFIA E A PAISAGEM COMO CAMPO DE FORÇA NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-24.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Onda que percorre o corpo,
energia que ultrapassa limites,
suspiro do espaço,
pulsar da linha do horizonte,
ecoando nos traços da criação.

Cada palavra,
um campo de força.
Cada gesto,
um deslocamento.
Litografia, procedimento, vibração,
tecem a teia do trabalho,
onde o corpo e o espaço se encontram,
se entrelaçam,
se transformam,
como o som que reverbera
na linha do horizonte.

O poema, com suas palavras de força, estabelece o campo sensível para as primeiras reflexões desta pesquisa, que se inicia com o gesto do fazer artístico. A litografia, o procedimento e a vibração, elementos centrais na construção do pensamento e na prática do artista, são mais do que técnicas; são forças vivas que se entrelaçam ao corpo e à paisagem, marcando o ponto de partida deste estudo. Assim como no poema, onde o gesto gravado na pedra reverbera e se transforma, a arte revela-se como um movimento contínuo de descoberta e transformação, impulsionado pela experiência física e subjetiva do mundo. Este processo de criação, repleto de imersões e desdobramentos, reflete o objetivo de explorar a linha do horizonte, entendida não apenas como um ponto fixo, mas como um campo de forças que se desloca e se traduz em novas formas de expressão e reflexão estética no caminhar. Dado essas palavras algumas devires surgem para gerar o problema de pesquisa, como: O que significa um campo de força no contexto da prática artística? Como atravessar a litografia, quando o deslocamento do corpo é fundamental para as elocubrações do artista pesquisador? O que tange o gesto, o

Volume 2026
ISSN 2319-0868

corpo e paisagem na contemporaneidade? E assim a pesquisa tensiona investigar como o procedimento artístico da litografia, enquanto prática contemporânea da gravura, permite explorar o campo de força para emergir entrelaçamentos entre gesto, corpo e paisagem?

Dado os questionamentos o artigo tem como objetivo evidenciar questões que envolvem procedimentos artísticos contemporâneos no campo da gravura, com ênfase na técnica da litografia. Também busca apresentar indícios do processo em desenvolvimento para uma pesquisa em nível de doutorado, na qual a linha do horizonte é concebida como metáfora para o atravessamento do corpo pelo sensível, uma linha móvel e vibrátil que conecta subjetividade, natureza e criação.

A escrita nasce de si e das experiências práticas, corporais e poéticas ao se relacionar com o entorno, particularmente com o ato de arrancar raízes do jardim de minha residência e com as caminhadas pela praia e costões. Esses gestos ordinários tornam-se fundantes de um campo poético dilatado, que se inscreve graficamente pela via da gravura. A pesquisa configura-se como um processo em constante movimento, onde o fazer artístico articula procedimentos materiais e subjetividades vibrantes.

Este estudo desenvolve-se a partir de deslocamentos realizados por praias e costões do município de Porto Belo (SC), nos quais o caminhar atua como prática sensível voltada à captação de percepções corporais e sutilezas da linha do horizonte, compreendida como campo de força para o fazer artístico. Esses percursos possibilitam o contato direto com a paisagem, ativando uma escuta do corpo e do entorno que reverbera na prática da gravura, especialmente na litografia. A investigação se ancora em uma abordagem qualitativa, conduzida por “escritas de si” (Dzi, 2023), mas aqui compreendida como escritas processuais, na qual a experiência pessoal é assumida como elemento propulsor da criação para escrever. Para tanto, a vivência se estende ao manejo de materialidades orgânicas no jardim, ao caminhar como forma de deslocamento e ao transporte desses elementos para o ateliê, estabelecendo um fluxo contínuo entre gesto, corpo e paisagem na prática artística. Além disso, o processo artístico compreende o entrelaçamento entre vivência, produção visual e escrita processual, entendida como uma escrita que

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

parte de si, configurando uma forma de pensamento que emerge do próprio fazer artístico.

A pesquisa articula teoria e prática com base em autores que discutem os procedimentos artísticos como campos de vibração entre o gesto, o corpo, e a paisagem. Parte-se da compreensão de que a criação artística não se limita a um produto final, mas do entrelaçamento entre experiências subjetivas, deslocamentos e práticas materiais. Derdik (2012) oferece uma importante contribuição ao pensar o ato criador como um "campo de força", onde o indefinível, o imensurável e o informe se entrelaçam à matéria. Nesse contexto, a linha do horizonte, mais do que um limite visual, é compreendida como um campo de força sensível que atravessa o corpo e reverbera na criação. A paisagem, ao ser observada durante o caminhar, torna-se vertigem imagética e afetiva.

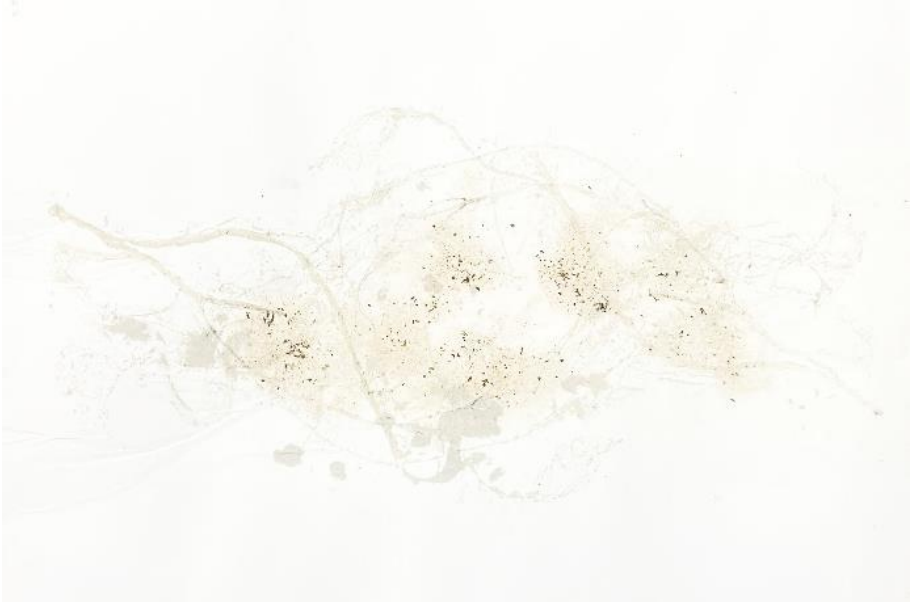
Outro aporte fundamental é o pensamento de Deleuze e Guattari (1995), para quem o processo criativo como raízes que se conectam, e que buscam novas formas de habitar, nutrientes, ou seja, múltiplo, não-linear e conectado a uma natureza em constante devir. Essa forma de pensar encontra eco nas raízes arrancadas do jardim, matéria viva que, deslocada de seu lugar original, passa a habitar o campo da gravura como signo em transformação na pesquisa. A caminhada como prática estética e epistemológica inspira-se em autores como Coverley (2014), que apresenta a figura do *flâneur* como aquele que observa e se perde nas dobras da cidade, abrindo-se a pequenas revelações do cotidiano. No contexto desta pesquisa, o flanar ganha contornos próprios, pois ocorre em ambientes naturais, como praias, costões e jardins, em que, o corpo encontra o tempo da contemplação, mas também das vertigens.

Corroborando com Aira (2007), proponho uma perspectiva de uma prática artística como forma de conhecimento, ressaltando o artista pesquisador na produção de saberes que emergem da experiência, da matéria e do fazer em seus procedimentos. Nesse sentido, o ateliê torna-se espaço-tempo dilatado, onde se inscrevem as vibrações captadas ao longo do percurso. Reconhece-se a linha do horizonte como campo de força nos procedimentos artísticos contemporâneos, especialmente no âmbito das artes visuais, atrelado à técnica da gravura. A investigação surge da série "Quando eu arranquei raízes ou uma tentativa

Volume 2026
ISSN 2319-0868

inesgotável para sentir tudo aqui que nunca existiu", composta por monotipias e gravuras impressas a partir de raízes da planta Unha-de-gato (*Ficus pumila*), removidas durante o cultivo de uma nova muda no jardim da residência do artista e pesquisador que narra aqui os contextos desta pesquisa. O gesto de arrancar raízes é entendido como ação simbólica de força e criação, um acontecimento onde corpo, matéria e território se fundem.

Figura 2 – Monotipia realizada com raízes na cor branca sobre papel.



Fonte: acervo do autor, 2024.

Ao utilizar materiais orgânicos e procedimentos gráficos (como a impressão com prensa rolo compressor, com e sem tinta), busca-se evocar o enraizamento como movimento vital e o ato de respirar como fluxo contínuo. A linha do horizonte, aqui, é um vestígio desse processo, vibrando entre o tangível e o intangível, entre o que se arranca e o que se planta. A linha do horizonte é tratada como uma vibração que se amplifica no deslocamento, especialmente nas caminhadas por praias e costões. Esses percursos físicos e poéticos pelo litoral de Porto Belo se integram à pesquisa como práticas sensíveis, de observação e presença, em que a paisagem é atravessada pelo corpo e devolvida em forma de gravura.

A retomada da litografia como técnica e pensamento é um dos pilares desta investigação. Criada em 1796 por Alois Senefelder como um método de reprodução gráfica, a litografia logo despertou interesse entre artistas pela liberdade gestual que

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

oferece. Sua base planográfica, em que, imagem é construída na superfície e não por sulcos ou relevos, abre caminho para um diálogo íntimo entre o gesto do artista, o tempo do traço e a química da impressão (Kannan, 2016).

Ao longo dos séculos XIX e XX, a litografia ocupou lugar de destaque nas práticas artísticas, especialmente na Europa e na América Latina, integrando as experimentações de movimentos modernos e vanguardistas (Duprat, 2023). Segundo Duprat (2023), no Brasil, a técnica ganhou relevância nos ateliês acadêmicos e nas Escolas de Belas Artes, tornando-se um importante meio de expressão visual. Com a chegada do *offset* e das tecnologias digitais de impressão, a litografia passou a desaparecer gradualmente dos ambientes industriais e, aos poucos, também dos espaços institucionais de ensino.

Hoje, a litografia pode ser considerada um achado raro, um território delicado da memória técnica e criativa. Trata-se de uma técnica exigente, que requer materiais específicos (como a pedra calcária, praticamente em processo de desaparecimento) e um conhecimento artesanal experienciado por gerações em gráficas litográficas não mais existentes, porém ainda presente em espaços não formais de ensino como no Museu da Gravura no Paraná na cidade de Curitiba e em cursos de ensino superior nas Artes Visuais.

. A escassez desses materiais e o desinteresse institucional vêm tornando os processos que envolvem as pedras cada vez mais silenciosos. Entretanto, é justamente nesse cenário de rarefação que sua presença se torna mais forte. Trabalhar com litografia hoje é habitar uma resistência, é ser absorvido pelos poros da pedra calcária diante dos tempos longos do gesto e da matéria, do peso de uma pedra litográfica, e de todo o manuseio para chegar ao ato de impressão que exige em grande maioria força bruta para levar a pedra de um lado ao outro e gravar o desenho sobre papel. Como afirma Albano (2004, p. 7), “a gravura é o lugar de um pensamento que se dobra sobre si mesmo, que exige silêncio, espera e precisão: qualidades pouco cultivadas em uma cultura de velocidade e espetáculo”.

Neste estudo, a litografia é abordada como campo dilatado de criação, em que a técnica e pensamento não se separam, ou seja, entram em vertigem para dar luz a novas paisagens por meio da gravura. O processo de impressão litográfica sobre monotipias realizadas com raízes insere-se como gesto poético que transpõe

Volume 2026
ISSN 2319-0868

a imagem. A raiz arrancada do solo e impressa sobre o papel não é apenas forma, é respiração, é vestígio de um corpo em tensão com a terra, é pulsação de memória.

A produção artística aqui é também ausência: o que se imprime não é apenas a raiz, mas o intervalo deixado por ela. A litografia, com sua precisão química, captura esse intervalo, como uma escuta gráfica do intangível. Como escreve Derdik (2012, p. 17), "o ato criador magnetiza um campo de forças, tramando cruzamentos entre estados que aludem ao indefinível, ao informe, ao imensurável".

Figura 3 – Litografia sobre papel, utilizando técnicas variadas como lápis litográfico*, touche*, bastão e diluição de gordura. A composição parte de uma linha do horizonte ficcional, construída com gestos manuais em busca de texturas e tensões observadas durante caminhadas na praia.



Fonte: acervo do autor, 2024.

Em tempos de obsolescência acelerada, a litografia resiste como uma técnica que exige entrega e presença. Não há atalhos. Cada pedra deve ser tratada com água, gordura e paciência. Cada gesto conta. O artista que imprime em litografia retorna ao tempo do ofício, tempo suspenso, quase ritualístico. A litografia, assim, torna-se uma forma de desaceleração, um modo de habitar o tempo e a matéria com escuta. É nesse sentido que esta pesquisa recupera, reativa e reinventa o fazer litográfico como um modo de estar no mundo e com o mundo. Trata-se de um gesto de permanência diante do apagamento, uma forma de inscrever a arte como escavação e como travessia. A linha do horizonte, tão recorrente nesta investigação,

Volume 2026
ISSN 2319-0868

é também essa linha litográfica que não divide, mas conecta, entre céu e mar, entre raiz e papel, entre corpo e paisagem, os procedimentos artísticos.

A litografia, nesse contexto, não é apenas uma técnica do passado. Ela é uma superfície viva onde o presente se imprime em camadas. Um espaço de fricção entre o gesto e a matéria. Um lugar onde o intangível pode, enfim, ser tocado.

Caminhos da pesquisa, uma metodologia caminhante

Caminhar é, antes de tudo, um ato de escuta e descoberta, um movimento que atravessa o corpo e o mundo. Este artigo se inscreve no campo das investigações qualitativas em arte, com uma abordagem sobre escritas processuais, alinhada aos procedimentos artísticos contemporâneos (Dzi, 2023). A metodologia caminhante adotada parte da experiência vivida pelo corpo do artista e assume a criação como prática de pensamento, como destaca Ferreira (2016): “a arte pode ser compreendida como uma forma de conhecimento sensível, que se constrói na experiência e no atravessamento do mundo pelo corpo” (Ferreira, 2016, p. 22).

A estrutura metodológica baseia-se na cartografia, não é fixa, não como um mapa geográfico tradicional. Ela busca acompanhar e registrar os fluxos e forças que atravessam o processo de criação. Deleuze e Guattari (1995) definem a cartografia como um método que não visa representar o mundo a partir de um ponto fixo, mas seguir linhas de fuga, conexões e intensidades. E é nesse caminho que chamo de deslocamentos que a pesquisa acontece, além de devaneios que surgem por meio da escrita ao relatar os modos de operar o processo de criação que é gerenciado pelo que a linha do horizonte revela enquanto força ficcional no fazer artístico. Rolnik (2006) amplia essa ideia ao sugerir uma cartografia do sensível, um procedimento que acompanha os movimentos do desejo nos territórios existenciais, nos corpos e nas formas de vida: “um procedimento que acompanha os movimentos do desejo nos territórios existenciais, nos corpos, nas subjetividades, nas formas de vida e nos modos de produção de sentido” (Rolnik, 2006, p. 14). No contexto deste trabalho, a cartografia opera como um método de vertigens e registro das vibrações entre corpo, paisagem e matéria, capturadas durante as caminhadas e o processo

Volume 2026
ISSN 2319-0868

artístico, para assim chegar à pedra litográfica, reconhecendo um corpo rebatido pelo simples ato de observar os limites da linha do horizonte.

Por isso a investigação adota esse tipo de metodologia caminhante, em que caminhar se torna não apenas uma prática, mas uma estratégia de conhecimento ramificado. O artista, ao caminhar, é convidado a se deixar atravessar pelos devires, pelos acasos, e pelos movimentos tangíveis e intangíveis que surgem ao longo do percurso (Benatti, 2024). E assim, a caminhada, neste contexto, é entendida como um meio de traçar meios sensíveis no processo de criação, onde não há um caminho pré-determinado, mas uma teia de possibilidades e encontros, que se ampliam à medida que o corpo se desloca, e é colocado a frente a tantos devires diante da própria paisagem.

Segundo Souto (2021), o caminhar, pode constituir o gesto inaugural da pesquisa nas artes visuais. Sendo assim, no campo das artes visuais, o caminhar pode ser explorado como prática estética, poética e epistemológica, pois artistas caminhantes utilizam o deslocamento físico para coletar experiências e transformar o ambiente em processo e material artístico. Neste estudo, esses encontros se tornam possíveis ao observar o bater das ondas, o voo dos pássaros, as cracas aderidas às pedras, os transeuntes e até mesmo pedaços de troncos que estiveram à deriva no oceano repousando na areia da praia.

Sendo assim, o caminhar é uma forma de mobilizar o corpo para pensar, sentir e criar por meio das forças emitidas pela linha do horizonte ao contemplar a natureza. As caminhadas realizadas pelas praias e costões de Porto Belo (SC), na Praia do Fagundes, formam o solo poético-metodológico desta investigação. Para Luna (2023), o caminhar não segue um itinerário planejado, mas resulta de uma possível vertigem e disponibilidade ao encontro, com a natureza, com os elementos naturais e com o próprio corpo atento nos procedimentos artísticos. O que garante que durante essas caminhadas, são recolhidos vestígios da paisagem, raízes, galhos, areia, pedras, e registrados pensamentos e anotações. Esses fragmentos se tornam materiais e disparadores do processo criativo no ateliê, incorporando-se aos procedimentos gráficos como traços de uma cartografia sensível.

O flanar, nesse contexto, é entendido como uma prática estética e investigativa. Segundo Benjamin (1994), o *flâneur* é aquele que “percorre a cidade

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

observando o tempo e o espaço com olhar distendido, atento às nuances do cotidiano" (Benjamin, 1994, p. 186). No presente estudo, o *flâneur* se desloca da cidade para a orla: é o artista caminhante que escuta o mar, o vento, o chão, e transforma essa escuta em imagem. O gesto de arrancar raízes do jardim, por sua vez, é compreendido como ato inaugural e simbólico do processo. Mais do que uma ação cotidiana, trata-se de um acontecimento poético: o corpo em tensão com a terra, deslocando o que está enraizado, instaurando uma ruptura que também é criação.

As raízes da planta Unha-de-gato são utilizadas como matriz gráfica para a produção de monotipias sobre as impressões das litografias. O processo inicia-se com uma primeira impressão sem tinta, revelando o relevo da raiz no papel. Em seguida, aplica-se tinta tipográfica branca, ampliando os vestígios e texturas. Este procedimento convoca o olhar para o detalhe, para o rastro, para o que persiste como presença ausente. A raiz, enquanto material orgânico, carrega o tempo da terra e da vida, tornando-se uma escrita do subsolo, ou seja, grafia de algo que esteve escondido, mas insiste em se mostrar.

A técnica da litografia é mobilizada como campo de forças, para alguns expandido, além dos limites técnicos tradicionais. A litografia é pensada como uma superfície de vibração, um lugar de inscrição de experiências que atravessam corpo e paisagem agora em ateliê. As pedras litográficas são preparadas com traços, manchas e inscrições gráficas que dialogam com os registros sensíveis das caminhadas e com os rastros deixados pelas raízes. Esse processo envolve o desenho com materiais gordurosos, a acidulação da pedra e a posterior impressão. Cada etapa é vivida como um ritual de presença num tempo dilatado, da espera, do gesto que emerge do corpo tocado pela paisagem e em silencia durante a preparação de cada impressão.

Como afirma Derdik (2012), a arte opera como campo de forças, tramando cruzamentos e ranhuras entre estados indefiníveis e formas concretas, entre vibrações do sensível e materializações que pulsam visualidades. Assim, a litografia torna-se também um campo vibrátil, um plano de inscrição da linha do horizonte como pulsação e presença.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Campo de força: fragmentação, procedimentos e vibrações

Michael Archer (2001, p. 58) reflete sobre a arte contemporânea como uma prática que se estabelece a partir da fragmentação da vida e da multiplicidade de formas e significados. A arte não se limita a uma representação ou forma estética única, mas se amplia para abarcar as transformações culturais, sociais e políticas que se impõem ao artista. Para ele, a arte contemporânea é, acima de tudo, um campo de experimentação, no qual o processo criativo se desvia de soluções predefinidas e busca constantemente redefinir suas próprias fronteiras.

Para Archer (2001), é fundamental compreender que a arte no cenário atual, o artista não se apresenta como um simples criador de objetos estéticos, mas como alguém que atua em um processo de questionamento, transformação e reconstrução da realidade.

E assim, pensar sobre as vibrações no processo criativo requer compreender o campo de forças como uma zona de vertigem, onde a linha que separa, ou aproxima, céu e mar se torna um elemento gerador de devires sensíveis. Essa linha, sempre em deslocamento, atua como ponto de partida para a criação artística, revelando-se nos rascunhos iniciais como força estruturante e, ao mesmo tempo, indeterminada. Em determinadas situações compositivas, essa linha configura frequências lineares, enquanto em outras, o campo de forças se inclina ora para o alto, ora para a base da imagem, revelando variações no gesto e na percepção do artista.

Essa relação dinâmica entre linha e campo reverbera como um entrelaçamento de vibrações que se manifesta no decorrer do ato criativo. Nesse processo, o gesto do desenho escapa ao controle racional, abrindo espaço para a emergência do inesperado, da perda deliberada de domínio técnico. Condição que, paradoxalmente, amplia a força expressiva da obra. Como propõe Derdik (2012), o ato criador que magnetiza um campo de forças, e é justamente nessa tensão entre controle e entrega que o desenho é marcado na pedra litográfica e se constrói como experiência de corpo, tempo e matéria.

Nesse sentido, o processo artístico torna-se uma construção que se dilata a cada novo passo em virtude de novos rebatimentos no corpo na relação com a

Volume 2026
ISSN 2319-0868

paisagem, articulando sensações com a pedra litográfica. Como nos lembra Fayga Ostrower (2014), a arte não é uma forma de reprodução, mas de revelação. Para a autora, “o fazer artístico é antes de tudo uma vivência significativa” (Ostrower, 2014, p. 45), e sua força está justamente na capacidade de tornar sensível o que, em outras linguagens, escapa ou permanece silenciado.

A litografia, nesse contexto, é compreendida não apenas como técnica gráfica, mas como espaço de vertigem, para assim pensar numa possível ficção da paisagem criada na gravura. Seu caráter planográfico exige do artista um contato direto com os materiais e com o tempo da criação, tempo este que não se apressa, mas que convida à presença. Ostrower (2014, p. 49) ressalta que a criação “é um ato que envolve corpo, pensamento e emoção”, e é exatamente essa conjunção que permite que a arte seja, ao mesmo tempo, um gesto técnico e um gesto existencial.

As caminhadas realizadas à beira-mar, integram esse processo como instâncias metodológicas e sensíveis. A cada deslocamento, o corpo do artista encontra a paisagem como espaço de troca e afetação. Diversos foram os achados ao longo dessas caminhadas: em algumas ocasiões, eram as algas marinhas que, emergindo na linha do horizonte, vinham ao encontro dos pés, num gesto quase coreográfico de acolhimento e surpresa. Em outras, a coleta de materiais naturais, como galhos, raízes e fragmentos vegetais, tornou-se parte dos procedimentos criativos, sendo levados ao ateliê para compor intervenções gráficas, impressões e por vezes objetos que se tornaram carimbo junto das raízes arrancadas no jardim.

Esse percurso revela um modo de fazer artístico que se ancora no corpo em movimento e na vertigem atenta na natureza, num ciclo que conecta caminhada, coleta, reflexão e retorno ao ateliê. Um dos elementos centrais dessa investigação é justamente a tentativa de articular a prática da litografia com essas experiências sensíveis de contato com a paisagem. O gesto de caminhar, e de condensar-se poeticamente na paisagem, é retomado no espaço do ateliê, onde se busca traduzir, por meio de técnicas gráficas, as vibrações que o horizonte reverbera no corpo do artista.

Nesse processo, o trabalho com a litografia assumiu um caráter laboratorial e intuitivo. Utilizou-se lápis termográfico, bastão gorduroso e *touche* litográfica, explorando distintas materialidades e reações da superfície da pedra. Esses

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

instrumentos possibilitaram variações texturais e de densidade no traço, permitindo que os gestos realizados a partir das vivências na paisagem fossem qualificados por suas intensidades: ora agressivos, ora invasivos, ora precisos e quase cirúrgicos. A produção das imagens tornou-se, assim, um exercício de trazer à superfície aquilo que vibra nas entranhas, um modo de arrancar de si, como quem puxa raízes profundas, formas gráficas que traduzem o estar-no-mundo.

As impressões litográficas foram realizadas em diálogo com monotipias previamente produzidas a partir de raízes da planta Unha-de-gato, arrancadas do jardim. Esse gesto, ao mesmo tempo violento e poético, resultou em imagens que misturam os vestígios da natureza e os rastros do corpo em movimento. As raízes, ao serem prensadas, deixaram marcas que lembram veias ou ramos, traços orgânicos que se entrelaçam com os gestos do desenho litográfico, formando uma malha sensível entre matéria, memória e expressão. Entrelaço esse pensamento a uma nota construída em uma de minhas caminhadas pela praia, onde me fiz pensar sobre os modos que operamos no mundo, diante das tantas belezas que a natureza não só revela, mas escancara. E assim escrevi:

A incompletude vibra
na linha do horizonte
arrebatadora,
como um feixe de luz
que atravessa a retina
e me deixa em vertigem.

Ali, onde tudo pulsa,
ela se curva,
toca o que em mim é impuro,
e ainda assim,
há beleza nessa força.

Difícil aceitar
as linhas que se cruzam,
que escapam,

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

que brigam entre si
e somem no caos.

Mas ainda assim,
encaro o horizonte
com um prazer sem nome,
porque ele me rebate,
me devolve em pedaços
algo de mim.

Porque ainda me arranca
suspiros e vontades.

O procedimento do arrancar, tanto físico quanto simbólico, revela-se aqui como ato criador e estruturante. A força empregada nesse gesto, assim como os vestígios que dele resultam, nos modos de escrever mentalmente e levar ao ateliê, de modo que é incorporada como elemento formal e conceitual da obra. Ao reunir esses elementos, o caminhar, a coleta, o gesto gráfico, o uso de materiais específicos e a experimentação litográfica, a pesquisa se afirma como um campo força dilatado e de criação, onde corpo, técnica e paisagem atuam em constante conversa íntima e por vezes escancarada.

Dessa forma, o desenvolvimento das obras ocorre como uma travessia entre o tangível e o intangível, entre o fazer e ficar em vertigem, entre a técnica e a intuição. Cada linha traçada sobre a pedra é também o prolongamento de um passo dado sobre a areia, de um sopro sentido no horizonte, de uma raiz arrancada do solo. Cada objeto encontrado que carimbo se tornou, hoje está sobre a superfície do papel. O fazer artístico, nesse contexto, emerge como forma de estar e resistir no mundo, em constante vibração.

Visualidades encontradas

Aqui trago três obras que são resultado das visualidades encontradas no processo. Essas paisagens não são apenas registros de um lugar externo, mas

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

manifestações de um estado interno em ebulição. São a pura vertigem das caminhadas, rastros de um corpo em deslocamento que se abre para o mundo e, ao mesmo tempo, mergulha em suas próprias camadas. Cada passo na areia, cada raiz arrancada do solo, traz à tona um gesto dilatado, uma inscrição do inconsciente que se imprime tanto na pele quanto na pedra litográfica. O caminhar torna-se então um método de vertigem e de presença, um tempo dilatado onde o sensível se revela sem pedir permissão.

Na paisagem, especialmente na linha onde montanhas tocam o céu ou o céu que toca a montanha, habita algo que escapa ao nome, uma tensão entre o que é visível e o que pulsa na abstração do invisível. É nesse entremeio, nessa dobra da realidade, que se manifestam as vertigens do fazer artístico. A linha do horizonte, às vezes nítida, às vezes dissolvida, age como uma costura entre mundos: o de fora e o de dentro, o do tempo geológico e o da memória afetiva. Não se trata de representar o horizonte, mas de encarná-lo como experiência, uma travessia onde o olhar encontra aquilo que o pensamento ainda não alcançou.

Essas obras surgem como fragmentos de um processo que se deixa perder para se encontrar. Do gesto de imprimir uma pedra ao esquecimento voluntário da gravura, há um tempo de maturação silenciosa, onde o fazer cede espaço ao ser. As monotipias de raízes emergem desse gesto, raízes que já não são só vegetais, mas nervuras da própria existência. E quando tudo parece se esvair, retorna-se ao ateliê com tinta tipográfica e querosene diluído, numa operação de risco e abertura. Não há controle, mas há vertigem sem controle. Não há limite, mas múltiplas entradas e ramificações, dadas por aquilo que não se pode tocar, mas que insiste em se manifestar.

O processo artístico, aqui, se configura como um corpo sem órgãos, uma zona viva e porosa que respira com as vertigens da existência. Liberta-se das formas fixas e das certezas, abrindo espaço para o inesperado, para a aparição do que antes era silêncio. O artista, em sua caminhada, recolhe não apenas matéria, mas estados de espírito, fragmentos de sonho e devaneios. E ao gravar, imprime também esse delírio sutil, esse tremor que escapa à razão, mas que habita intensamente a arte. O que era abstrato, ganha contorno. O que era invisível, se faz linha. E o que parecia intangível, vibra, como horizonte, no papel.

GOTTARDI, Pedro. A LITOGRAFIA E A PAISAGEM COMO CAMPO DE FORÇA NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-24.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 4 - Entre a vibração da linha do horizonte e o rebatimento das ondas ou uma força que tange e cobre a inconstância dos limiares e a fragilidade das paisagens percebidas (I), monotipia sobre litografia e querosene diluído sobre papel, 60 x 42 cm, 2025.



Fonte: acervo do autor, 2025.

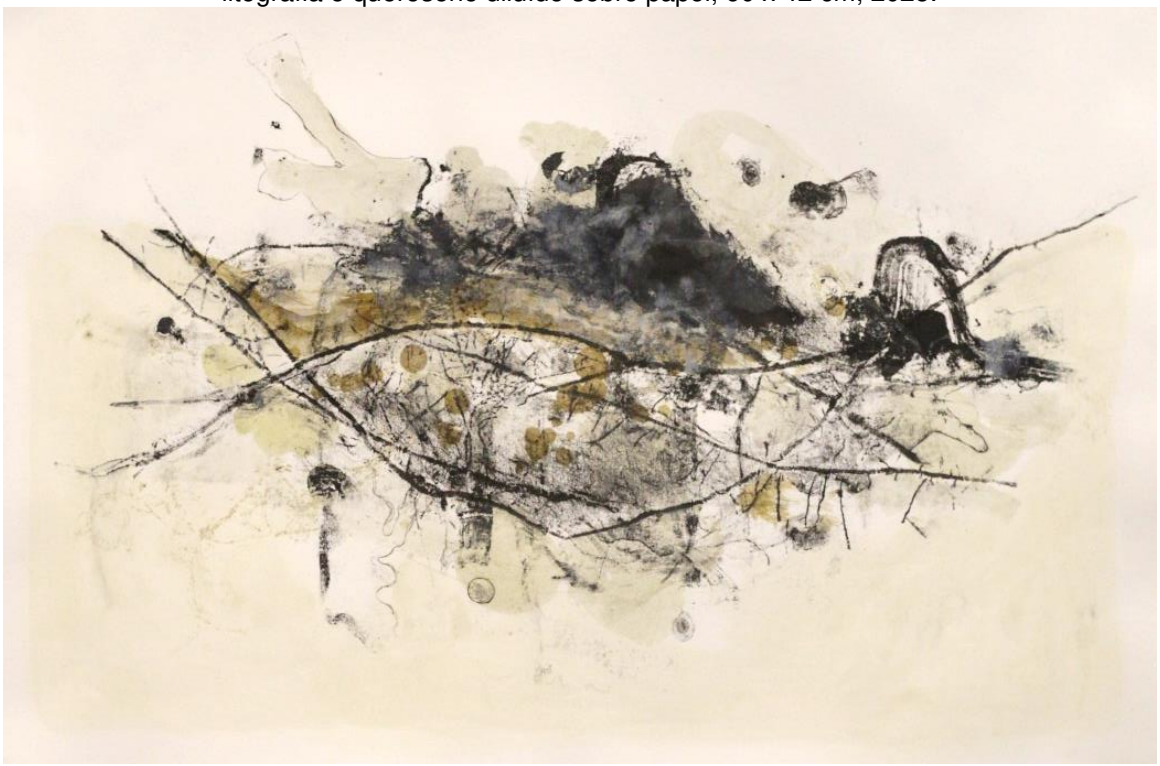
Figura 5 - Entre a vibração da linha do horizonte e o rebatimento das ondas ou uma força que tange e cobre a inconstância dos limiares e a fragilidade das paisagens percebidas (II), monotipia sobre litografia e querosene diluído sobre papel, 60 x 42 cm, 2025.

Volume 2026
ISSN 2319-0868



Fonte: acervo do autor, 2025.

Figura 6 - Entre a vibração da linha do horizonte e o rebatimento das ondas ou uma força que tange e cobre a inconstância dos limiares e a fragilidade das paisagens percebidas (III), monotipia sobre litografia e querosene diluído sobre papel, 60 x 42 cm, 2025.



Fonte: acervo do autor, 2025.

GOTTARDI, Pedro. A LITOGRAFIA E A PAISAGEM COMO CAMPO DE FORÇA NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-24.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Considerações finais sobre as forças na linha do horizonte

A investigação desenvolvida ao longo desta pesquisa tornou-se possível ao compreender a linha do horizonte como uma metáfora operante e como um campo de força no processo de criação artística. Para tanto, mobilizaram-se procedimentos sensíveis, como a caminhada, o arrancar de raízes e a própria litografia, entendidos não apenas como técnicas, mas como práticas capazes de ativar percepções e experiências corporais em diálogo com o entorno.

Ao longo do percurso investigativo, estabeleceram-se relações significativas entre gesto, corpo e paisagem, revelando camadas subjetivas que emergem da vertigem provocada pela natureza e da vibração que atravessa a experiência do artista. Os dados materiais e sensíveis gerados no processo permitiram compreender a litografia como um espaço de intensidades, no qual criação, matéria, memória e presença se entrelaçam e se tornam visíveis nas produções artísticas.

O caminhar pelas praias e costões do município de Porto Belo, na Praia do Fagundes, configurou-se como gesto metodológico inaugural, instaurando um deslocamento no espaço que não busca capturar imagens prontas, mas perceber vibrações, presenças e ausências. O deslocamento, além de dar passos, torna-se um deslocamento interior, capaz de ativar memórias, provocar estados de presença e abrir caminhos para a criação artística. Esse flanar, compreendido como procedimento artístico e epistemológico em Coverley (2014), reafirma-se como prática relevante no campo das artes visuais, aqui denominado como metodologia caminhante ao arranjar autores como Benjamin (1994) e Souto (2021).

Ao arrancar raízes do jardim, gesto simbólico e visceral, a pesquisa estabelece um elo entre o corpo que se esforça e a paisagem que resiste, vira um evo, um campo de força. A raiz, nesse contexto, não é apenas um fragmento orgânico, mas um novo vetor no campo força que se dilata na materialidade pela simples ação da prensa sobre o papel. Essas percepções foram possíveis ao compreender os processos artísticos como instrumento de geração de conhecimento no campo das artes visuais dado os contexto que Ostrower (2014) nos aponta. As impressões geradas a partir dessas raízes foram utilizadas como base para monotipias, posteriormente impressas por meio da técnica da litografia, ativando um

REVISTA DA FUNDARTE

diálogo entre matéria viva, gesto gráfico e superfície, e retomada com novas camadas de monotipias, o que amplia as discussões sobre as vibrações geradas num campo de força estabelecido por uma linha do horizonte que passa a ser compreendida com uma ficção na elabora de produções artísticas.

A escolha pela litografia, por sua vez, revela-se como um posicionamento ético e estético. Em tempos de aceleração e obsolescência técnica, resgatar uma prática rara e exigente como a litografia representa um gesto de resistência e cuidado. A pedra litográfica, com sua superfície planográfica, torna-se espaço de vertigem e silêncio, mesmo com todo seu peso. Como discutido, trata-se de uma técnica que vem desaparecendo do ensino formal nas universidades brasileiras, mas que carrega um saber ancestral, um tempo outro, que convoca o artista a estar presente, a imprimir com o corpo, a lidar com a lentidão do processo e a imprevisibilidade da matéria.

Assim, a linha do horizonte, que aparece como tema e imagem condutora, não é apenas uma representação paisagística. Ela é também metáfora do deslocamento contínuo da experiência estética, da busca que não se encerra, daquilo que vibra entre o tangível e o intangível, essa percepção só é possível quando alinhamos o modo de operar os conceitos da linha do horizonte em Derdik (2012) o que colabora com o problema da pesquisa. Ao imprimir a linha do horizonte sobre a pedra, com os rastros deixados pelas raízes, a pesquisa materializa o desejo de inscrever no papel aquilo que muitas vezes não pode ser dito, uma tentativa inesgotável de exprimir aqui tudo que senti ao arrancar raízes do meu jardim, mas também de raízes que foram arrancadas de meu coração.

Portanto, a articulação entre flanar, arrancar raízes e imprimir com litografia não apenas responde ao objetivo proposto, como também amplia as possibilidades de pensar a criação artística a partir de experiências sensíveis, corporais e situadas. A investigação reafirma a potência dos procedimentos artísticos como formas de conhecimento e afirma a importância de manter vivas técnicas como a litografia, não por nostalgia, mas por reconhecer nelas espaços legítimos de pensamento, presença e invenção.

Para finalizar, a abordagem sensível adotada nesta pesquisa contribui positivamente ao propor uma forma alternativa de produção de conhecimento no

Volume 2026
ISSN 2319-0868

campo das artes visuais, em que o fazer artístico é inseparável do corpo, da paisagem e da experiência subjetiva. Ao mobilizar gestos cotidianos, como arrancar raízes ou caminhar à beira-mar, e integrá-los à prática da litografia, a pesquisa amplia o entendimento sobre o processo criativo como campo de forças em constante movimento. Essa perspectiva não apenas reforça a potência da metodologia caminhante como instrumento epistemológico, mas também desafia modelos tradicionais de pesquisa, ao valorizar a dimensão vivencial e poética como fontes legítimas de conhecimento. Além disso, ao propor a linha do horizonte como metáfora central, o estudo oferece uma contribuição conceitual relevante para pensar a criação artística como atravessamento, instabilidade e abertura ao sensível. Com isso, a pesquisa se coloca como um exemplo significativo de como práticas materiais e subjetivas podem ser entrelaçadas de maneira crítica e reflexiva, gerando não apenas imagens, mas também pensamento visual e metodológico com potencial para desdobramentos futuros, tanto na produção artística quanto no ensino e na pesquisa em arte.

Referências:

AIRA, César. **Pequeno manual de procedimentos**. Tradução e pesquisa dos originais de Eduard Marquardt. Curitiba: Arte & Letra, 2007.

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea***:* uma introdução. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BENATTI, Lucas. Deambulações (criativas) na cidade: o caminhar como experiência poética**. Colóquio**, Vitória, ES, v. 20, p. 46–59, jul. 2021. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/35359. Acesso em: 16 out. 2024.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COVERLEY, Merlin. **A arte de caminhar: o escritor como caminhante**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DERDIK, Rejane. **Formas de pensar o desenho**: gráfico, discurso, discurso gráfico. São Paulo: Senac, 2012.

DUPRAT, Andréia Carolina Duarte. Clubes de Gravura no Brasil (1947-1960): realismo socialista à brasileira. 2023. 358 f. **Tese** (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2023. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/266703. Acesso em: 16 out. 2024.

DZI, Taila Suian. Quero ter tempo para rever as coisas que tenho: escritas de si, errância e arquivo. 2023. 374 f. **Tese** (Doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes, UFMG, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/56835. Acesso em: 16 out. 2024.

FERREIRA, Glória. A prática artística como forma de conhecimento. In: VILELA, Ana Letícia; DE PAULA, Ana (org.). **Poéticas, práticas e políticas do sensível**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 2016. p. 19–29.

KANNAN, Helena. **Impressões, acúmulos e rasgos: procedimentos litográficos e alguns desvios.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

LUNA, Ianni Barros. Caminhadas sonoras e as derivas do som. **Revista Vis**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 312–332, maio 2023. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/48473. Acesso em: 16 out. 2024.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Sulina, 2006.

SOUTO, Virgínia Tiradentes; MEDINA, Diana. Flanar, deambular ou derivar?: a rua como espaço da experimentação artística. **Ephemera,** Ouro Preto, v. 4, n. 9, p. 77–88, dez. 2021. Disponível em: https://periodicos.ufop.br/ephemera/article/view/4961. Acesso em: 16 out. 2024.

Recebido em: 19/05/2025.
Aceito em: 07/07/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Pedro Gottardi
Doutorando em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na linha de pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos. Artista visual, atua como coordenador do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Regional de Blumenau (FURB), onde também é professor. É mestre em Educação pela FURB (2021), tendo sido bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) entre 2019 e 2021. Licenciado em Artes Visuais pela mesma instituição (2018), atuou como conselheiro de cultura no município de Blumenau (SC) entre 2019 e 2021.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5053-9931
E-mail: profpedro.art@gmail.com

GOTTARDI, Pedro. A LITOGRAFIA E A PAISAGEM COMO CAMPO DE FORÇA NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-24.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
ISSN 2319-0868



Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

REVISTA DA FUNDARTE

GOTTARDI, Pedro. A LITOGRAFIA E A PAISAGEM COMO CAMPO DE FORÇA NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-24.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br